

CIÊNCIA COMO ARTE DO DIZER

Josimey Costa da Silva*

O ato de dizer pode ser doloroso. Palavras são armas carregadas. Da palavra falada para a escrita, a dor recrudescer; escrever é dilacerar, rasgar. Quem inscreve, rasga e dilacera imagens. A escrita são cadáveres dilacerados por um canino que, pontiagudo, abre à força um sulco na bidimensionalidade do papel. Expressar é desvendar, velando o desde sempre inexprimível.

Diante disso, construir uma nova estética para o texto científico a partir, por exemplo, de florações do imaginário em estado mais ou menos bruto, pulsante ainda, deveria ser tarefa quase impossível, dado o rigor que se exige nesse tipo de texto. Quando a escrita é o campo das técnicas profissionais da comunicação social, como é o caso do jornalismo, o trabalho parece mais fácil, embora não menos árido; a objetividade pretendida para o dizer noticioso transforma o discurso em falsa transparência, em facilidade regrada.

As imagens, preceptoras do pensamento humano em suas formas primordiais, poderiam continuar ensinando muito para os que querem escolher os mundos a construir com a palavra. Ao contrário do que é usual para a prosa científica, a narrativa imagética não está estruturada primordialmente no texto verbal. O tratamento verbal, nessa nova narrativa, é justaposto, complementar. O verbal, às vezes, chega a ser contrastante com os demais elementos expressivos do texto, num sentido amplo. Às vezes, o verbal está até mesmo ausente do texto.

Construir hipóteses com a imagem, fazer ciência inteligível por meio dela, portanto, está quase sempre fora de cogitação. A imagem, quando muito, é acessório do dizer científico. Assim, todo um universo da expressão está excluído. A ciência torna-se uma senhora sisuda, por vezes até mal-humorada, com modos de dizer próprios, indicativos de outros que são inadequados, inaceitáveis. A tradução do mundo em imagens fica restrita preponderantemente à literatura de ficção, à poesia, às artes, mananciais da riqueza cultural da humanidade, da criatividade e da inovação que representa toda e qualquer descoberta do mundo. Aí há muita emoção. Por que a ciência não pode ter tudo isso?

É preciso tentar quebrar as amarras que um texto científico objetivo, preponderantemente conceitual, impõe à expressão do pensamento. Como traduzir uma emoção, por mais tênue, por mais breve que ela possa ter sido? Por outro lado, como

extirpar o mínimo traço das emoções que pontuam qualquer ação humana, inclusive a mais científica? E o que é realmente muito angustiante: como dar pelo menos um fio de vazão aos oceanos que inundam o imaginário e que fundamentam nosso ser no mundo, que pensa e sente a um só tempo?

A imaginação representa a própria experiência da abertura para o espírito humano. É preciso encher a imaginação de imagens para poder viver diretamente a imagem. Usar a imagem para dizer é fazer brotar do papel ou da boca uma condensação de descrições, qualificações e reflexões, assim como o faz um poema, que diz muito quando, fisicamente, é, ele próprio, tão pouco. Está posto o desafio.

* Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.